



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18039 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

Sentidos de crianças sobre seus processos de alfabetização: o que dizem as produções bibliográficas?

Ana Clarissa Gomes de França - UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Talita Daiane Silva de Lima - UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-árido

Elaine Luciana Sobral Dantas - UFERSA - Universidade Federal Rural do Semi-árido

SENTIDOS DE CRIANÇAS SOBRE SEUS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO: O QUE DIZEM AS PRODUÇÕES BIBLIOGRÁFICAS?

1 INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, podemos dizer que o processo de alfabetização ganhou nova abordagem com os estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, que possibilitaram pensar na perspectiva da sociolinguística, refletindo conseqüentemente, no desenvolvimento das práticas voltadas para a alfabetização do país (Lopes e Vieira, 2012). A partir disso, foram elaboradas políticas públicas voltadas para a formação continuada de professores alfabetizadores que atuavam com crianças em processo de alfabetização.

Junto às políticas de formação de professores, a Educação Básica passou a vivenciar um novo cenário, mediante a ampliação do Ensino Fundamental para os 9 (nove) anos de duração, onde o ciclo de alfabetização foi expandido para os três primeiros anos do Ensino Fundamental I, conforme a lei 11.274/2006 (Brasil, 2010).

Com essa ampliação, os programas de formação de professores passaram a ter um carácter universal, contemplando docentes que atuavam em turmas de 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental I. Entre os anos de 2001 e até o atual momento, foram realizados os seguintes programas de formação de professores : Programa de Alfabetização Continuada em Alfabetização e Letramento - PROFA (2001), Pró-Letramento (2008), Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC (2013 - 2018) e o Pró-Alfa RN , atual programa de formação dentro do Compromisso Nacional Criança Alfabetizada.

Ambos os programas foram pensados com o objetivo de ampliar a formação dos professores que atuavam/atuem em turmas de alfabetização, a fim de alcançar as crianças, de modo que todas elas fossem/sejam alfabetizadas.

Sobre elas, sujeitos da aprendizagem a quem voltamos o nosso olhar, entendemos-as a partir de uma perspectiva que as considera como pessoas concretas, que possuem histórias, singularidades, potencialidades, sujeitos sociais, de direitos e produtoras de cultura (Ubarana; Lopes, 2012). Logo, compreendemos que pela diversidade cultural e social elas vivenciam a infância de modo singular, que cada uma experimenta esse momento da vida de modo diferente, assim, existem diversas infâncias. Esse período singular abrange o ser criança e caracteriza-se como o tempo mais importante na vida dos sujeitos, pois é uma fase única e significativa, que deve ser vivenciada de “maneira histórica, ideológica e cultural.” (Kramer, 2003, p.14). Desse modo, é na/ε infância/s que a criança estabelece compreensões do meio que ela está inserida e devem ser consideradas nos seus processos de aprendizagem como seres ativos e potentes.

No que diz respeito ao processo de aprendizagem relativo à alfabetização pelas crianças, vem sendo entendido como o período de aquisição das habilidades de leitura e escrita, assim como, a constituição e atribuição de sentidos à cultura letrada (Soares, 2010). É durante a apropriação do sistema da escrita alfabética e do uso social da leitura e da escrita que a criança passa a estabelecer compreensões e atribuir significados ao ato de ler e escrever como função social e, por isso, elas devem vivenciar experiências significativas e contextualizadas.

A vista disso, para promover o desenvolvimento das aprendizagens no período de alfabetização é importante reconhecer práticas pedagógicas que irão auxiliar durante todo processo, ou seja, proporcionar ações a fim de permitir que as mesmas sejam significativas e contextualizadas para as crianças. Por conseguinte,

“a alfabetização materializa-se, pois, como possibilidade para as crianças, mediadas pelas práticas pedagógicas, quando estas organizam-se como contextos de aprendizagem e desenvolvimento da linguagem escrita” (Lopes, 2012, p.154).

Dessa forma, reconhecemos que as práticas vão além de realizar atividades de decodificação, é importante conhecer, adentrar e possibilitar contextos nos quais considerem os espaços-tempos onde as crianças existem/subsistem para que estas, consigam compreender de forma efetiva e significativa a cultura letrada.

Dessa maneira, torna-se imprescindível ouvir as crianças durante os seus processos de aprendizagem. Pois, é através da escuta das crianças que podemos conhecer as suas perspectivas particulares sobre os processos de aprendizagem da qual vivenciam, permitindo as possibilidades de reconstruções teóricas e até gerar alternativas para transformações nas relações geracionais. (Voltarelli, 2023). Nesse sentido, é importante ouvi-las, uma vez que elas também são sujeitos participantes da sociedade, seres que pensam e ao mesmo tempo produtoras de cultura.

Partindo desse pressuposto, como parte introdutória de um projeto de pesquisa em andamento, sobre alfabetização de crianças, nos direcionamos através dos seguintes questionamentos: de que maneira as pesquisas, divulgadas por meio de trabalhos científicos têm considerado as expressões das crianças nos processos que envolvem a alfabetização? Quais papéis são dados às vozes das crianças? Como elas estão sendo ouvidas? Assim, este trabalho tem como objetivo analisar os sentidos das crianças durante seu processo de alfabetização, de acordo com as produções bibliográficas atuais.

Para a construção deste trabalho, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico, ancorada nos princípios da abordagem Histórico-cultural de Lev S. Vigotski (2007) e nas preposições dos diálogos de Mikhail Bakhtin (2003), com o intuito de identificar as significações de sujeitos e elaboração de sentidos nos seus processos de alfabetização. Os dados aqui apresentados são um recorte da pesquisa em andamento, e foram levantados por meio da Plataforma do Periódico da Capes, empregando os seguintes descritores: alfabetização; alfabetização e ensino fundamental; alfabetização e criança; alfabetização e práticas pedagógicas e a escuta das crianças na alfabetização. Ao todo foram encontrados dezessete (17) trabalhos.

Inicialmente será discutida a concepção de Alfabetização na qual se fundamenta a pesquisa, logo depois uma análise dos sentidos das crianças sobre o processo de alfabetização, conforme as produções bibliográficas encontradas, e por fim as considerações acerca do exposto nas análises.

Neste viés foram encontrados dezessete (17) trabalhos que envolvem a discussão sobre o processo de alfabetização em que as crianças são sujeitos e protagonistas. No entanto, desses dezessete trabalhos somente, dois (2) trabalhos trazem as vozes das crianças e os sentidos produzidos por elas em relação a sua aprendizagem.

2 PRODUÇÕES ACADÊMICAS QUE OUVEM AS CRIANÇAS SOBRE SEUS PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

A linguagem está presente no cotidiano, uma vez que, é por meio das interações sociais que se constituem, desde a maneira de se comunicar ou de se expressar. Consideramos, a partir de Lopes e Vieira (2012, p.2) “a linguagem como interação, como uma ação entre indivíduos, atividade social, histórica e, em função disso, como um dos elementos constitutivos do processo de humanização”. Nesta perspectiva, a linguagem se designa como uma prática social que envolve a produção de sentidos mediadas pelas interações sociais, e pode ser reproduzida por meio da escrita, das expressões, da oralidade.

No que se refere a linguagem escrita, ela se presentifica na vida das crianças antes mesmo de iniciarem o processo de escolarização, ela está presente desde o seu nascimento quando lhe é dado um nome, quando este é escrito em documentos, em fraldas, em objetos pessoais e de decoração. As crianças estão imersas em um contexto letrado, em um contexto de cultura escrita, “no movimento das interações sociais e nos momentos das interlocuções, a linguagem se cria, se transforma, se constrói, como conhecimento humano” (Smolka, 2012, p.60), e permeia as relações.

A escrita, como uma linguagem, pode ser compreendida como “um instrumento discursivo, ou seja, é o uso da língua escrita em situações sociais concretas que estabelece as diferentes funções, variedades de estilos e maneiras

de utilizá-la” conforme afirma Baptista (2010, p.3,4). Dessa forma, a linguagem escrita se estabelece como uma prática social, uma vez que, a mesma se caracteriza como uma forma de interação com o outro/com a cultura nos seus diferentes usos.

A alfabetização é portanto um processo de aprendizagem dessa linguagem. Ela envolve a apropriação do sistema de escrita alfabético e o desenvolvimento de capacidade necessárias ao domínio de duas dimensões indissociáveis, aprender a ler (compreender) e a escrever (produzir textos escritos), como um processo conceitual e discursivo (Lopes, 2012; Soares, 2009; Smolka, 2012), em que “não se “ensina” ou não se “aprende” simplesmente a “ler” e a “escrever” . Aprende-se (a usar) uma forma de linguagem, uma forma de interação verbal, uma atividade, um trabalho simbólico (Smolka, 2012, p. 82).”

Esse processo de aprendizagem, segundo a nova Política Nacional de Alfabetização, o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada , deve acontecer até o segundo ano do ensino fundamental (Brasil, 2023), sendo este, o período que as crianças vivenciam de forma mais sistematizada atividades com conhecimentos relacionados ao desenvolvimento da leitura e da escrita. Esse processo deve ser vivenciado na escola por meio de experiências que permitam promover aprendizagens contextualizadas e significativas, permitindo que as crianças avancem em suas hipóteses de escrita, que aprendam sobre como se lê/como se escreve, em um processo discursivo. Nesse exercício contínuo, Smolka afirma:

a criança aprende a ouvir, a entender o outro pela leitura; aprende a falar, a dizer o que quer pela escrita. (Mas esse aprender significa fazer, usar, praticar, conhecer. Enquanto escreve, a criança aprende a escrever e aprende sobre a escrita.) (2012, p. 86,87).

Desse modo, compreendemos que é no exercício diário com/sobre a escrita, que a aprendizagem acontece. É no uso social, discursivo, e permeado de sentido para quem aprende - por meio de mediação sistemática - que deve acontecer o processo de alfabetização.

A partir de uma perspectiva que considera que o processo de alfabetização deve ser vivido pelas crianças por meio de práticas significativas, compreendemos que as atividades desenvolvidas durante esse processo de aprendizagem - e como elas foram vivenciadas - corrobora não somente para os resultados na

alfabetização, mas no desenvolvimento futuro de outras aprendizagens. As crianças, como sujeitos de direitos e produtoras de sentidos revelam em suas escritas, em desenhos, e na oralidade, as significações que constroem em relação ao que vivenciam na escola, “o sentido que as crianças atribuem à escrita, seus esquemas de interpretação, são variados e dependem das experiências passadas bem como dos conhecimentos adquiridos” (Smolka, 2012, p.32).

Compreendemos sentidos a partir de uma concepção que os considera como parte de um processo de significação (internalização - conversão de funções sociais em individuais): envolve alguns aspectos da vida psíquica, como significados, memórias, sentimentos. Os sentidos vinculam-se aos contextos de interação dos sujeitos, portanto possuem uma natureza individual-social, são fluidos, envolvem e ultrapassam os significados. (Vigotski, 2009; Pino, 2005).

Assim, buscamos identificar quais sentidos as crianças têm produzido em relação à aprendizagem relacionada à alfabetização, e se estes estão presentes nas atuais produções bibliográficas nas quais elas são sujeitos. Em pesquisa desenvolvida na Plataforma do Periódico da Capes, identificamos 17 trabalhos que trouxeram crianças como protagonistas, no entanto, somente dois deles apresentaram as suas vozes e os sentidos produzidos por elas em relação à alfabetização.

O primeiro deles foi um artigo produzido por Gonçalves (2013), que apresenta um trabalho resultado de uma pesquisa realizada com crianças do primeiro ano do ensino fundamental, em uma escola pública do Rio de Janeiro. Se buscou conhecer como pensam as crianças sobre o processo de aprendizagem da leitura e escrita antes e depois de serem alfabetizadas, a partir de entrevistas. Para isso foram realizadas entrevistas com crianças, pais e professores.

A análise dos discursos dos sujeitos participantes se fundamentou nas abordagens teóricas de Mikhail Bakhtin, e para compreender os modos da infância se buscou as abordagens de Lev Vigotski. Além dos discursos das crianças, foram analisados os seus desenhos, na qual revelaram o que elas compreendiam sobre aprender a ler e escrever. As análises revelaram que para elas essa aprendizagem é fundamental para se viver em uma sociedade letrada, e revelou como é se dá no contexto de sala de aula vivenciados por elas. Ademais, o autor destaca que os resultados desta pesquisa mostraram que o aprendizado da leitura e da escrita altera os modos de pensar e dizer das crianças, os conhecimentos específicos sobre o sistema de escrita permitiram-lhes realizar novas operações.

O segundo trabalho foi um artigo de França, Lopes e Dantas (2023), que apresenta as vozes de crianças que não conseguiram se alfabetizar nos anos iniciais e como elas atribuem sentidos à essa (não)aprendizagem. O estudo se apresenta como um recorte de uma pesquisa de mestrado desenvolvida entre os anos de 2020-2022, e mostra os sentidos produzidos pelas crianças sobre como se aprende/o que é necessário para ser alfabetizado.

A pesquisa teve um enfoque qualitativo, ancorado nos princípios da abordagem histórico cultural de Vigotski e do dialogismo de M.Bakhtin para compreender os sentidos presentes nos discursos dos sujeitos. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco crianças de escolas públicas do município de Natal, matriculadas em turmas de 4º e 5º ano, não alfabetizadas, e seus discursos evidenciaram a necessidade e a relevância da mediação no processo de alfabetização.

Em ambos os trabalhos, foi possível observar a presença dos sentidos das crianças em relação ao processo de alfabetização - a partir de suas vozes e de seus registros - , evidenciando a importância de ouvi-las, no que diz respeito a um processo em que elas são sujeitos de aprendizagem - de apropriação da linguagem escrita, e revela como as mesmas as significam atribuem sentidos sobre o processo de aprender a ler a escrever.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a criança como o ser social, produtora de cultura e protagonista das suas aprendizagens, entendemos que as mesmas são seres ativos e que produzem sentidos e significados em seus diferentes contextos, e é no processo de alfabetização que as mesma passam a compreender/atribuir sentidos em relação à linguagem escrita. Desse modo, com base nos dados construídos por meio de um levantamento bibliográfico, concluímos que há poucos trabalhos que realmente buscam dar voz às crianças e conhecer os sentidos produzidos por elas em relação ao processo de alfabetização. Compreendemos e salientamos a necessidade e a relevância de ouvi-las e entendê-las sobre os processos de aprendizagem, sobretudo para se refletir e planejar as práticas destinadas à elas.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Mônica Correia. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. Currículo em movimento. Ministério da Educação. Brasília, 2010.

BRASIL. CNE. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental** Resolução CEB nº 7, 14 de dezembro de 2010a.

FRANÇA, Ana Clarissa Gomes de; DE CARVALHO LOPES, Denise Maria; DANTAS, Elaine Luciana Sobral. **“Precisa da ajuda de alguém que já sabe”:** **sentidos de crianças não alfabetizadas sobre a mediação nos processos de alfabetização**. Revista Brasileira de Alfabetização| ISSN, v. 2446, n. 8584, 2023.

FREIRE, Iara Maravalha. **O texto escrito como expressão da subjetividade e do estilo de escrita na fase inicial da alfabetização**. revista brasileira de alfabetização, n. 15, p. 163-174, 2021.

GONÇALVES, Ângela Vidal. **Alfabetização: o olhar das crianças sobre o aprendizado da linguagem escrita**. Cadernos Cedes, v. 33, p. 125-140, 2013.

KRAMER, Sonia. (orgs). **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Cortez, 2003. – (Coleção questões da nossa época; v. 107)

LOPES, Denise Maria de Carvalho; VIEIRA, Giane Bezerra. **Linguagem, Alfabetização e Letramento: O trabalho pedagógico nos três primeiros anos do Ensino Fundamental e as especificidades da criança**. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. UFRN. CONTINUUM. Módulo III–Linguagem, Alfabetização e Letramento. Natal: UFRN-CONTINUUM, 2012.

LOPES, Denise Maria de Carvalho. **Alfabetização e Práticas Pedagógicas escolares: entre letras e sentidos**. In: SAMPAIO, Marisa Narcizo. Saberes e Práticas de Docência. Campinas - SP: Mercado de Letras, Natal-RN:UFRN,2012.p. (129)-(157).

PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. 13° ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 6° edição. São Paulo: Contexto, 2024.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **A criança na fase inicial da escrita: alfabetização como processo discursivo**. 13° ed. – São Paulo: Cortez, 2012

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. **O (im) próprio e o (im) pertinente na apropriação das práticas sociais**. Cadernos Cedes, v. 20, p. 26-40, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

VOLTARELLI, Monique Aparecida. **Metodologias de pesquisa com crianças na américa do sul: da escuta à escrita**. In: ANJOS, Cleriston Izidro dos, et al. Pesquisas com, sobre e para crianças. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.p.

(47)- (55).

UBARANA, Adélia Dieb; LOPES, Denise Maria de Carvalho. **Infância, desenvolvimento da criança e educação infantil**. In: UFRN/NEI. Curso de Aperfeiçoamento em Campos de experiências e saberes e ação pedagógica na Educação Infantil. Texto Didático do Módulo II. 2012.

PALAVRAS-CHAVES: Alfabetização; Sentidos; Produções Bibliográficas